

Germinal!

Semanario anarquista

Administração: R. Felipe Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

ASSINATURA

Anual

10\$000

Semestral

6\$000

EM PORTUGAL

A OBRA DA DEMOCRACIA

PELAS VITIMAS DO DESPOTISMO EM PORTUGAL E PELO RESPEITO AOS DIREITOS INDIVIDUAIS. — A IMPRENSA, AS CLASSES TRABALHADORAS ORGANIZADAS E AOS LIVRES PENSADORES DE TODO O MUNDO.

A democracia, isto é, o governo da «Liberdade», «Igualdade» e «Fraternidade», já tem produzido seus frutos amarguíssimos, principalmente às classes trabalhadoras e aos defensores das idéas avançadas.

Reina atualmente naquele país o mais infame despotismo praticado pelos demagogos de barrete frigio.

Ainda agora, sabemos pelos ultimos telegramas que de lá nos chegam que se pretende expulsar o nosso camarada Pinto Quartim, diretor do semanario anarquista «Terra Livre» que sabemos ter sido querelado, e que continúa a publicar-se sob o titulo «O Protesto».

Dele transcrevemos o seguinte apelo dirigido aos homens livres de todo o mundo:

As perseguições à organização operaria, que os governos da Republica Portuguesa tem esboçado, chegaram ao seu auge com a subida ao poder do sr. Afonso Costa, chefe do chamado grupo democrático.

Em todo o país as autoridades da Republica, inspiradas pelo chefe do governo, exercem as maiores violencias, encerrando associações legalmente constituidas, prendendo os militantes sob os mais futeis pretextos e formulando-lhes as mais ridiculas acusações.

Na provincia do Alentejo, onde a organização sindicalista mais se tem desenvolvido entre as populações rurais, as autoridades locais, com o maior desrespeito pela Constituição da Republica, assaltam associações de classe e cooperativas, aprendendo lhes todos os livros de escrituração e encerrando-as arbitrariamente; prendem grande numero de trabalhadores, que enviam para as cadeias de Lisboa, onde se conservam por tempo indeterminado, contra o que dispõe as leis fundamentais da Republica.

Em Lisboa uma intensa crise de trabalho, que atinge todas as industrias, e a extraordinaria dos generos de primeira necessidade, criaram aos operarios uma situação desesperada, cujos ecos se repercutiam na sua imprensa e nos seus sindicatos. O governo reduzia a enorme legião dos operarios das obras publicas a tres dias de trabalho por semana. Era a miseria, a fome, a que o governo votara os seus operarios.

Esboçam-se protestos, canalizam-se vontades dispersas, e quando a indignação operaria tomava vulto, o governo encerra a Casa Sindical, a pretexto dum movimento insurreccional politico, com o qual a organização operaria na da tinha, e apreende os seus jornais.

Num enorme comicio, promovido pelas juntas de parquia da capital para protestar contra o aumento das rendas das casas, os 50.000 assistentes solidari-

zam-se com o protesto dos operarios contra as perseguições que lhe estavam sendo movidas pelo governo do sr. Afonso Costa, que se alheava da opinião publica.

Redobram as perseguições. Os jornais da opposição são apreendidos, e em face deste terror «democratico» os operarios com dificuldade reúnem-se. Liberdade de pensamento e de reunião não existem. Predomina a vontade suprema do sr. Afonso Costa.

E foi nesta atmosfera de terror que no dia 10 de junho, por ocasião do cortejo camoneano, explodiu uma bomba no meio de operarios que conduziam uma bandeira negra como o distico «Pão e trabalho!» Os carbonarios do sr. Afonso Costa, logo após a explosão, incendiaram um quiosque frequentado por operarios, pretendendo assaltar o jornal monarchico «O Dia», o que a policia impediu, assaltam a Casa Sindical, partindo vidros e mobiliario com o consentimento da força publica, que apenas evitou que fosse incendiada a sede das associações operarias.

No dia imediato a policia prende em suas casas os mais conhecidos militantes operarios e encerra os na cadeia central de Lisboa, à ordem do comandante da policia. Enquanto o juiz de instrução criminal procede às investigações sobre os autores do atentado, enviando para os tribunais, como supostos implicados, 16 individuos. Os militantes operarios, sobre quem nada se apurou nem se podia apurar, ha 36 dias que estão presos, prometendo prolongar-se esta situação, contra o que dispõe a Constituição da Republica. A organização operaria, coacta pelo terror que em sua volta se lançou, retrai-se. A imprensa, para a qual os militantes operarios recorrem contra as violencias de que são vitimas, pactua com o governo numa campanha de silencio, excepção feita a dois ou três jornais que publicam as cartas que lhe são enviadas. A imprensa governamental cobre os militantes operarios dos mais grosseiros insultos, e alguns jornais da opposição, recendo apreensões e assaltos de carbonarios, nada dizem contra as arbitrariedades que o governo vem fazendo às classes trabalhadoras organizadas e aos seus mais dedicados militantes. Que resta fazer em face desta atmosfera de terror que se criou em volta da organização operaria?

Apelar para a imprensa internacional, protestando contra o governo democratico, que estrangulou todas as liberdades consignadas na Constituição da Republica Portuguesa, encerrando associações legalmente constituidas e conservando presos à ordem do sr. Afonso Costa, sem culpa formada e por tempo indeterminado, os operarios honestos e conscientes que pugnam pela emancipação das classes trabalhadoras.

Isto fazemos, esperando que o nosso protesto ecoe no mundo civilizado, provocando na imprensa, nas organizações operarias e nas agremiações do livre pensamento, uma campanha contra o arbitrio que impera em Portugal.

A crise economica

A grande crise economica por que passa actualmente a Brazil e que põe apavorados os pais da patria e a imprensa burgueza e que ameaça o paiz de uma intervenção estrangeira, não é mais do que uma manifestação morbida da sociedade capitalista, que se produz intermitentemente.

O mal é geral; manifesta-se em todo o mundo e se aqui ele adquire um caracter pior, é devido ao avança descartado nos cofres publicos, praticado pelos detentores do poder.

A guerra italo-turca a contraglação balcanica, a ameaça de uma guerra entré a França e Alemanha, fazendo como consequencia o aumento das despesas militares (com muito gaudío dos senhores fabricantes de armamentos da França e da Alemanha), produziram um retraimento dos capitais europeus, aqui empregados, o encarecimento da vida e a falta de trabalho com todas as suas consequências funestas. Os preços das mercadorias, principal produto de exportação, mantidos, a custa da intervenção do Estado, não se puderam manter.

Com a borracha o mesmo succedeu. As ratazanas da politica na sua faina de roubar, não repararam que se exgotava o ouro.

Daf as retiradas de grandes somas da Caixa de Conversão, aparelho de credito que mantem a custo a estabilidade do cambio.

Daf a corrida nas Caixas Economicas, cujas reservas foram gastas criminosamente, embora o queiram desmentir a imprensa vendida, e os boletins espalhados pelo governo-indicio certo de que não ha absolutamente fundos que possam rezistir a corrida.

Daf a paralização das tranzações dos bancos que estão a espera de que o nosso arrebitado governo lhes empreste 100.000 contos.

E sabem os leitores, como pretende o governo rezolver a crise?

Emitindo uma grande soma de papel-moeda, o que verá agrava-la mais ainda.

Acontecerá como no tempo do encilhamento em que surgiam todos os dias companhias fantasticas que pretenham explorar problemáticas minas de ouro ou de ferro.

Haverá como já se começa a notar o aumento da carestia da vida, a falta de trabalho, a miseria, a fome emfim.

E como sanar o mal?

De nada valerá atenua-lo, pois que ele voltará periodicamente, mais agravado ainda.

Procuremos bem as causas e as encontraremos no sistema economico debaixo do qual vivemos.

Quais foram as causas das guerras balcanicas, da paz armada?

O interesse comercial dos banqueiros, dos grandes comerciantes, dos fabricantes de armamentos para os exercitos colossais que teem como fim principal, manter o proletariado em submissão, garantindo assim a exploração capitalista.

E quando o povo que trabalha, que produz, sentir a fome bater-lhe a porta, o que deverá fazer?

Ir procurar o alimento onde o houver, apossar-se dele pois que tem direito a isso; abandonar e queimar as pocilgas em que mora para ir habitar nas confortaveis casas que construiu.

E como, a isso se ha de opôr tenazmente o Estado com todas as suas forças. só ha um caminho: destrui-lo juntamente com todas as seus accessorias, tais como, magistratura, policia, cadeias, exercitos, parlamentos, funcionarismo, e estabelecer em seu lugar uma sociedade composta de

associações livres de produtores e consumidores que possuirão a terra, os produtos dela, e os instrumentos de trabalho em comum; estabelecendo o comunismo.

Organizando essas associações, sem a necessidade de qualquer órgão autoritario que se imponha aos outros, pelo livre accordo; estabelecendo a Anarquia.

VITOR FRANCO

A Grève Geral

UTILITARIA
SOLIDARIA
REVOLUCIONARIA

Mercede de cada uma destas tres qualificações aprehe ta se a grève geral os factos e a abstração do entendimento. A «Grève Geral utilitaria» ou reformista, é somente uma generalisação da grève parcial dos trabalhadores exclusivamente societarios os quais reduzidos ao ultimo extremo da luta economica e não podendo ja materialmente viver, pedem redução de horas de trabalho e aumento do salario. Esta classe de grève costuma terminar com uma derrota ou um triunfo aparente, depois dos trabalhos das commissões, das declarações pacificas dos operarios, da aprovação e aplauso burguez, e depois de alguns crumiros terem conseguido lugares permanentes, e os mais activos e conscientes ficado desocupados e apontados nas listas policiais e nas do Pacto da Fome, e em resumo, tempo perdido e consequências horrosas.

A «grève geral solidaria» em prol de outros compañeros em luta leva com sigto tal elevação que só o facto de intenta a dignifica aos que por ela se interessam. Costuma se emprega-la quando ha necessidade de defender um compañero, como a recentemente occorrida dos carroceiros de Barcelona, ou como a mais recente de Reus, por defender o direito de associação, ou como as que alcançaram im orticia notavel em Gijon, Coruña, Sevilha e La Linea; porém sua solução e as suas vantagens diferem pouco das vantagens da anterior, ficando além disso algum processado e castigado por causa das coacções.

Resta a «grève geral revolucionaria»; essa, não nos fazemos illusões, ha de acontecer, será vencida; fi alimente, porém, a vencedora, a que virá quando sejamos bastante conscientes para desenvolver a devidamente e fortes para vencer os nossos aterrorizados e fracos inimigos, represe tará a tomada da ultima Bastilha, e com ela a elevação á dignidade do gozo com leto da vida humana para todos, até para aquele Pachú, o segador inventado por Lerroux, que chamava burguezes aos operarios triu fantes de uma grève utilitaria.

Deixamos de ser utilitarios ou reformistas ao separarmos-nos do partido republicano, o de vimos que os seus homens só de nome são revolucionarios, e também porque sabemos quanto são inefficazes as reformas que a tanto custo se obtêm.

Vimos ao campo libertario porque nele se faz verdadeira obra revolucionaria combatendo os fundamentos principais desta sociedade: Religião, Patria, Estado. E não contentos os libertarios com revolucionar cerebros, levam a sua acção á praça pública por meio da grève geral, considerando a como o unico meio de emancipação dos trabalhadores.

Por isso dizemos, respeitando todas as iniciativas, limpos de todos os dogmatismos, porém firmes nas nossas convicções: não se esqueça que o objectivo unico da grève geral é a Revolução.

Pedir reformas mediante a grève geral é como fazer politica miuda.

Ir á grève sem outro proposito que a solidariedade, louvavel em determinadas occasiões, é puro sentimentalismo.

Nem por utilitarismo, nem por sentimentalismo, deve pôr-se em movimento a grande colectividade proletaria, a qual não ha de seguir a inspiração de Sancho Pança nem a de Don Quixote; somente ha de seguir as inspirações da razão; quer dizer que não havemos de ser tolos egoistas, nem loicos altruistas, mas somente justos.

Além disso não ha utilidade maior nem solidariedade mais elevada do que as inspiradas no proposito da transformação da sociedade perfeitamente concordada com a conveniencia total da humanidade.

Para demonstra lo appareu a nossa publicação, com a qual trataremos de ajudar a todos os que sem rodeios nem desviações seguem o unico e verdadeiro fim revolucionario, desejando que nele coincidam todos os trabalhadores individual e colectivamente.

Deixemos as reformas para os politicos de profissão e para os inactivos.

Fiquem os sentime talismos como ateísmo cristão, para os que estão em conformidade com o regime vigente.

Os verdadeiros libertarios estudam e preparam a grève geral revolucionaria e a sociedade ultra-revolucionaria.

FRANCISCO FERRER

Fevereiro, 20—1902

Sobre um livro

Eu tenho o costume invariavel de só ler os livros que não agradam aos profissionais da critica sizada e industrial das letras nacionais... Por isso eu li «Uma paixão de mulher» de Cecilia Mariz. O Verissimo e os mais da tropa tinham dito ser um livro mau, mal composto, mal escrito... Eu conclui, de pronto: provavelmente é um bom livro...

E li «Uma paixão de mulheres». Li o comovidamente. Absorvi-o, pagina a pagina, conceito a conceito... É uma historia de amor. Simples e grave historia de amor. De amor sereno e forte. De amor humo o, limpo e victorioso...

Está claro que eu não vou fazer aqui o resumo do romance de Cecilia Mariz. Alias, como romance bem composto que é, ele não tem «entrecho» resumível. Decorre naturalmente, como um trem natural da vida, sem meandros escuzos nem sombreados hi ocritas.

É o desenvolvimento dum problema serio... do mais serio de todos os problemas humanos. O amor, com efeito, é o mais serio dos problemas. Mais serio e mais simples. Isto é: simples em si e por si. Porque, através dos vidros empanados das doutrinas cristãs, é ele o mais complicado e o menos... serio.

Si em vez dum romance, escrevesse um tratado de moral, Cecilia Mariz poderia chamar ao seu livro «Solução humana dum problema que o cristianismo se esforçou por tornar desumano». Seria longo, mas seria exato.

«Uma paixão de mulher» é um livro que merece ser lido. Porque é um livro bom. Um livro são, sincero, simples. A sua leitura faz bem ao coração e á intelligencia. Não se pode pedir mais a um livro. Só uma literatura sã e simples pode ser sincera. E a sinceridade é tudo...

Lêde, amigos, o volume de Cecilia Mariz.

ASTPER.



A liberdade e a lei

A lei — no sentido comumente entendido de norma de estabilidade duma autoridade individual e colectiva, e imposta com a violencia da ameaça e da applicação duma pena a todos os cidadãos — é uma violencia contra a liberdade. E nós, que combatemos pela liberdade e que aceitamos a violencia como uma necessidade dolorosa, unicamente quando se trate de defender, contra uma violencia oposta á nossa liberdade, não podemos naturalmente aceitar uma lei, porque, seja ella qual for, estará em patente contradicção com os nossos principios.

Ha pessoas que têm medo da liberdade; mas essas se esquecem de que a liberdade (foi um ministro quem o disse) cura as feridas que produz.

Essa gente, que se espanta com a luz, porque está acostumada ás trevas, pede que se ponham obstaculos á luz e invoca os cristaes esfumados para abrandar a força dos seus raios. E menos mal, se se limitassem a pedir lentes negras e empanadas para si proprios, somente!

O mal está em que, ou por sincera creença de que todos temos a vista debil como eles, ou por inveja, ou por outros motivos inconfessaveis, eles querem impôr taes obstaculos a todos, até aos que da luz completa não têm nenhum medo.

Nós, ao contrario, estamos convencidos de que, não a luz, mas as lentes esfumadas, arruinam a vista e por isso nos rebelamos contra os que nos lentes querem impôr, ainda que seja necessario quebrar-lhes as lentes no nariz.

Somos, pois, anti legalitarios, porquanto não cremos que a liberdade, como o sol, tenha necessidade de vidros empanados, de freios, de leis que limitem o seu uso. Em vez de educar a consciencia humana, a lei mantém-na num continuo estado infantil, sempre á mercê dos astutos e dos violentos (sacerdotes e governantes) que, superiores a todas as leis por elles fabricadas, delias se servem para augmentar, consolidar e perpetuar os proprios privilegios.

Imaginae uma creença — o exemplo é de Malatesta — a quem não se tirem os cueiros, nem depois de crescida, e dê-se-lhe a entender que o homem não pôde viver senão metido em faixas. Se acreditar nisso, ella fará como os que defendem a lei, dirá que não quer andar sem faixas e combaterá os que lhe quizerem tirar-as. Se não acredita, fará como nós: promoverá a abolição das faixas e lutará desesperadamente contra todo aquelles que lhe queira impedir a liberdade de movimento.

As leis são, para a consciencia humana, as faixas com que as velhas parietas supersticiosas estropeavam os recém-nascidos, faixas abolidas, hoje, pelos higienistas modernos; a differença está em que as parietas desatavam a creença ao cabo dum anno, ao passo que os governantes não querem resolver-se jámais a romper os vinculos que atam o povo, o qual, por isso mesmo, deve tratar de libertar-se, duma vez para sempre, de todas as leis que o atam, que lhe impedem os movimentos e desviam e degeram a sua consciencia.

Não nego que, uma vez libertado das leis, o povo — como o prisioneiro encerrado durante largo tempo numa cela sem ar e sem luz, ao dar de golpe com a liberdade, cerra os olhos ao primeiro raio de sol e cae ao chão á primeira golfada de ar puro que absorve — pôde ao principio enganar-se, extraviar-se e vacillar ante o caminho que deve tomar; mas assim como, passado o primeiro atordamento, o prisioneiro liberto se levantará novamente e caminhará cada vez melhor sobre a terra livre, assim o povo, após as primeiras incertezas dos seus proprios erros, aprenderá a caminhar livremente pelo roteiro do proprio bem-estar.

Quer-se-ha, com a excusa desses perigos, conservar o povo sempre avo? Quer-se-ha, com medo de que o ar e a luz lhe façam mal, perpetuar no carcere o prisioneiro?

Aqueles que dizem que pode haver leis boas, consistindo tudo em substituí-las ás más, ou se enganam, ou nos enganam. A lei, quando constitue um limite á liberdade, é a maior parte das vezes da nós e injusta, e quando nem uma coisa nem outra, é absolutamente inutil.

Desafo que me mostrem uma lei que não tenha sido nem danosa, nem injusta, nem inutil.

O mais que poderão é citar-me algum artigo de lei, com o qual se anula um privilegio ou uma lei precedente. Não levando em conta que isto não pôde chamar-se verdadeiramente lei, mas sim diminuição ou abolição de lei; além de que, taes decretos e artigos vão sempre seguidos de algum «mas» restrictivo, que diminue e a miúdo anula a unica efficacia que poderiam ter. Pôde, enfim, concluir-se que a unica lei justificavel seria a que dísse: «Em virtude da presente lei, ficam abolidas todas as demais leis e fica proclamada a anarquia».

Vê-se logo, porém, que isto é um absurdo, pois que as instituições não se suicidam e uma junta legislativa, «por la contradicção che no'l consente», hade sempre forjar leis e, se anula alguma, será para substituí-la por outra não menos iniqua ou inutil que a primeira.

Resumindo: o povo não é uma creança que necessite esperar autorização dos paes para sair só de casa: quando se sente maduro para a liberdade, toma a por si mesmo, a despeito de todos os pastores.

Formar a consciencia popular de modo que ella se torne, o mais depressa possível, capaz de gozar a liberdade plena, libertando se dos andores legislativos sem crear outros novos: eis aí a missão dos anarquistas que para esse fim trabalham com a propaganda das idéas libertarias e com o exemplo pratico da agitação revolucionaria anti parlamentar e, portanto, extra-legalitaria.

LUIGI FABBRI

O desperdicio da energia feminina

VIII

A prostituição, senhores, é o outro effeito da concorrência e, si outra acusação faltasse contra a sociedade burguesa, essa lhe traria a condenação fatal.

Não pode prestar uma organização social em que avultado número de mulheres vendem o proprio corpo, para ter de que viver.

Comprende-se a máquina com perdas de energias incompensaveis; mas, que haja nela molas e engrenagens propositadamente adequadas a desperdiçar forças, isso, é ultrapassar as lindes do bom senso.

Pois a sociedade burguesa não tem remédio para a prostituição e os seus teóricos, diante do vergonhosissimo espectáculo da feira carnal, erige-o em instituição social, torna-o, senhores, fonte de renda, cognominando-o embora de «mal necessario».

Como si houvesse «males necesarios». E que numa sociedade alicerçada sobre a concorrência, a extinção desse vicio é impossivel. Ao contrario, quanto mais civilizada se diz a sociedade, mais feroz é a concorrência e, quanto mais feroz a concorrência, maior é a prostituição. Maior, porque a concorrência, luxo e miséria são tres alças do mesmo andar, onde se empavosa a Venus impudica.

A concorrência faz a minoria feliz e a maioria desgraçada.

A primeira estadia os luxos em caruagens, a segunda abafa os seus gemidos nas alcovas ou nos bordeis. E que, da alcova onde se descarna a proletaria, denzela, esposa ou mãe, trabalhando doze ou quinze horas por dia, sem receber salario compensativo, da alcova para o alcouce a distancia é curta.

Não vou reproduzir aqui a análise, já feita por especialistas, das causas da prostituição. Todos eles acordam no afirmar que a veia principal dela é a miséria.

Cito-vos apenas um exemplo claro publicado por Charles Benoist e reestampado no livro de Charles Albert «O amor livre».

«Uma costureira de camisas, em Paris, diz elle, ganha dois francos por dia. Eis como ella consegue equilibrar o seu orçamento (por ano)

Aluguel de quarto	160 fr.
Dois vestidos a 10 fr. cada um	20 »
Quatro pares de botas a 5 fr.	20 »
Dois chapéus a 3 fr.	6 »
Tres pares de meias a 1 fr.	3 »
Duas camisas a 2 fr.	4 »
Panos pequenos, por ano	3 »
Quatro lenços a 0,50 fr.	2 »
Luz	10 »
Fogo	12 »
Gorgetas á porteira	5 »
Dois pequenos aventais pretos	3 »
Uma saia de baixo	2 »

TOTAL 250 fr.

Resta-lhe portanto para comer, deduzidos os 250 fr. dos 600 que actualmente ganha, 250 fr. o que dá 0,95 por dia, dinheiro esse que ella emprega do seguinte modo:

Uma libra de pão	0,20
Leite	0,10
Uma costeleta	0,25
Vinho	0,10
Carvão	0,05
Legumes	0,15
Manteiga	0,10

TOTAL 0,95

«As particularidades dessa conta, comenta o autor, são excellentes para os que despendem alguns francos diariamente em fumo. Ignoram o que significa a existencia de um ser humano obrigado a viver com 40 «sous» por dia, entre as tentações e os requintes da vida moderna! Ignoram ou pretendem ignorar que

um céntimo mal empregado ou a menor falta de trabalho exportam em fome immediata».

Eu desejaria ver que os senhores do Circulo Católico fossem discutir divorcio numa assembléa de costureiras de Paris.

Quereis mais te «munch»? Em 1838 em Paris um agente da administração escreveu: «Apresentam-se ás vezes, voluntariamente, á prefeitura de policia, moças a classificar numa categoria excepcional. Eu comecei de julho um médico do dispensario teve de visitar uma delas, ainda vivem. Interrogada sobre o motivo, pelo qual adotava o officio de prostituta, respondeu que a miséria a impelia a tal extremo».

«No maior número de casos, acrescenta o autor de onde extrai o topico, é a miséria a grande fomedora. A insuficiencia dos salarios tira para o inferno da prostituição mais mulheres que todos os proxenetas juntos. Está hoje perfectamente averiguado, e stinaa elle, que quasi nenhuma operaria pôde satisfazer suas despesas diarias com o producto do seu trabalho. Que lhe falta fazer senão procurar recursos no concubinato e depois, como fatal consequencia, na prostituição clandestina?»

E' esta, senhores a triste realidade. Realidade que permite a profissão de alcacoiates, cafetens e catinas. Aquelles que atribuem a prostituição á ruindade inata á especie não conhecem, absolutamente não conhecem, os termos do problema.

Será por gosto que tantas infelizes se submetem á fúria gananciosa dos proxenetas e se expõem ás molestias mais hediondas?

Vistes, ha pouco, reproduzidas em cinematógrafo as scenas da tragedia intitulada: o commercio das brancas. O titulo é suggestivo. Contrapõe-se ao commercio antigo das pretas. A escravidão africana, nos portos dos navios, contrabalança a escravidão feminina nos bordeis.

Muito porem vos enganais, senhores, si supozdeses novo esse mercantilismo. Ele é velho como o mundo. Roma tinha as «lenas» e os «denones» exploradores da mocidade dos dois sexos, prostituidores de profissão, e carregados de adquirir, para os libertinos ricacos do imperio, as virgens da mais tenra idade.

E' que esses tipos, inqualificaveis são necessarios á burguesia rica. São admitidos por lei, são resguardados pela policia que expulsa anarquistas sob o rotulo de cafetens, mas não expulsa os conventillos nas ruas da capital.

E a historia da prostituição é a mesma por todas.

Inicia-se na abundancia e termina, quando velhas, na miséria.

Emquanto houver burgueses que paguem seus prazeres com o dinheiro extorquido á massa dos trabalhadores, haverá prostitutas, haverá prostituição. Logo, a prostituição não é um mal necessario; é uma consequencia necessaria do regimen social baseado na concorrência.

Desse rápido esboço tiremos a ultima inferencia:

A sociedade actual fundada na concorrência impede o cultivo da solidariedade. A mulher atirada pela concorrência á miséria, vale-se do casamento e da prostituição como remédio á pobreza. Representa assim um desperdicio incomputavel de energia humana.

JOSE OITICICA

Espiritixordias

II

(Perguntas aos Srs. Espiritas)

Pergunta I: — Si é verdade que Deus existe, de que elementos quimicos se compõe a sua essencia?

Pergunta II: — Si Deus existiu de toda a eternidade, antes de criar o mundo onde estava elle e que fazia?

Pergunta III: — Admittindo, por hipotese, que Deus houvesse creado o mundo ou universo, isto é, todos esses milhares de milhões de globos que gravitam no espaço, de que o teria criado?

Pergunta IV: — Que razão, causa ou motivo determinou Deus a criar o mundo?

Pergunta V: — Em que seculo, ano, mes, dia, hora, minuto e segundo criou Deus o mundo?

Pergunta VI: — Antes de Deus criar a luz estava elle nas trevas?

Pergunta VII: — Si antes de criar o mundo Deus era perfeito, logo não precisava de coisa alguma: bastava-se a si mesmo: por conseguinte, para que criou o mundo?

Pergunta VIII: — Onde começa o espaço ou quando principiou o tempo?

Pergunta IX: — Ora, si o tempo e o espaço são infinitos, sendo entre si solidarios ou fazendo como que um só, como pôde Deus ser infinito, sabendo-se que em Filosofia dois infinitos se excluem ou pelo menos se limitam, tornando-se por isso mesmo finitos? Neste caso, ou Deus é infinito e o tempo e o espaço são finitos — mas então a sciencia, que nos ensina

que o tempo e o espaço são infinitos, nos engana; — ou o tempo e o espaço são infinitos e Deus então é finito. Porque então se nos diz que Deus é infinito?

Pergunta X: — Deus está dentro ou fóra do universo?

Pergunta XI: — Entendamos-nos: — Si o universo tem dentro e fóra, é porque é finito, ou limitado (advirtamos de pasagem que a razão e a sciencia negam-se a admittir tais premissas), e neste caso Deus pôde entrar ou sair a seu bel prazer e governa-lo arbitrariamente, do que se deve deduzir, que todo o bem ou mal que succede no universo deve ser attribuido a Deus. Mas si o universo é infinito, então Deus está dentro dele e não pôde sair, nem que queira, sendo por consequencia escravo da sua propria obra, visto que é governado pelas mesmas leis que regem o conjunto de todos os seres. Onde está, pois, a onipotencia de Deus?

Pergunta XII: — Como conciliar a providencia divina com a existencia do mal? Ora, si Deus criou «tudo» o que existe (Allan Kardec), forçoso é admittir que tambem criou o mal, porque do contrario este seria eterno igual a Deus e a Deus então lhe faltaria uma propriedade ou attributo: a eternidade, a qual teria uma rival na eternidade do mal; logo, para que Deus tenha com justiça e propriedade o don de ter criado «tudo», tambem deve ter criado o mal. Mas neste caso, Deus então é máu, e assim sendo, como se burlam da nossa boa fé, afirmando-nos que Deus é infinitamente bom?

Mas — argumentam — «Deus não criou o mal: estabeleceu leis, e estas são sempre boas, porque elle é soberanamente bom. Aquele que as observaes fielmente seria perfectamente feliz; mas os espiritos, tendo o livre arbitrio, nem sempre as observam, e então o mal foi para eles o resultado de sua desobediencia.» (Allan Kardec).

Tem graça! Quem disse a Kardec que todas as leis estabelecidas por Deus são boas? Porventura a lei da morte é boa? Affirmam-no muito em hora; mas a observação nos ensina que a pratica sempre desmente a teoria. E sinão, porque é que quando algum cai doente logo trata de pôr-se bom? Prova evidente de que teme a morte; e «temer a morte — dizia Napoleão I — é fazer profissão de ateismo».

Por outro lado, que significa «livre arbitrio»? «Livre arbitrio — insistem ainda — é a liberdade que Deus concede ao homem para praticar o bem ou o mal». Mas si o mal que o homem pratica depende do livre arbitrio, que recebeu de Deus, então está claramente demonstrado que o verdadeiro culpado do mal que o homem comete é Deus, porque se este não concedesse ao homem o livre arbitrio, do qual o mal deriva, elle não cometeria o mal, e assim, seria mil vezes preferivel que não existisse o mal a que Deus desse ao homem o livre arbitrio.

Em resumo: admittendo-se o livre arbitrio; a que fica então reduzida a soberania de Deus sobre o homem?

Pergunta XIII: — A existencia do mal é tão real e verdadeira, que inutil achamos insistir sobre o assunto. Pois bem, ou Deus pôde suprimir o mal e não quer, ou quer e não pode, ou não pode nem quer, ou quer e pode.

No primeiro caso é máu; no segundo, impotente; no terceiro, fraco e selvado; e no quarto... si quer e pode extinguir o mal, como se explica a existencia deste?...

Respondidas que sejam satisfatoriamente as 13 perguntas que aí ficam, ficaremos infinitamente agradecidos aos srs. espiritas, ao mesmo tempo que teremos a miú subida honra de formular-lhes outras «novas».

JOSE MARTINS

A massa proletaria não tem interesse algum em ser patriota, em render culto a essa entidade indefinida e nebulosa que se chama «patria». A classe burguesa e proprietaria é a que tem um interesse directo e evidente em que os proletarios professem este culto, o que não obsta, bem entendido, a que ella se abstenha de o fazer. E triunfou. Assim vemos, graças á patria, manterem-se os exercitos permanentes onde o proletario encontra um excelente meio de cultura para o servilismo, sobrevivencia duma tirania milenaria. Graças ao alcoolismo e á sífilis, os homens degeneram e neles se extingue o espirito de revolta, causa geradora de todo o progresso. A sua energia atrofia-se, habitam-se a transigir, e uma vez de volta á vida civil, trazem para ella os habitos servis do militarismo. Resignam-se tanto mais facilmente quando compreendem que o exercito força-los-ia á resignação e á passividade, se tentassem revoltar-se. O exercito tem por objecto a ordem interior e por pretexto a defesa exterior. Tudo concorre, pois, para que a noção de patria com as suas fataes consequencias — exercito permanente e necessarios resultados — seja util á classe proprietaria, para lhe servir de auxiliar na permanencia da exploração dos proletarios.

Que Sociedade!

O Medico — Que tempo! nem ao menos um réles resfriado!

O Farmaceutico — Neste porco logar todos gozam saúde pra-burro.

O Financieiro — Com uma boa epidemia redobrava a dote da minha filha.

Um Militar — Como vão a mover-se as promoções si levamos dez anos de paz?

O Juez — Que seria de nós se não houvesse delinquentes?

O Advogado — Que pais tão estupidos! Nem um pequeno litigio!

O Policia — Na verdade, se não houvesse ladrões teriamos de roubar para viver.

O Negociante — Se consigo fazer que o meu vizinho quebre fico com toda a sua freguezia.

O Agricultor — Raios para o ano! Temos colhido tanto vinho para afinal ter que o jogar fóra.

O Padre — Que bem estaríamos se o povo fosse sempre ignorante e supersticioso!

E' preciso ser estúpido e velho... para não estar de acordo com esta sociedade tão... deliciosa.

Joubert em liberdade

Finalmente, depois de quatro mezes de carcere, foi o nosso camarada Joseph Joubert posto em liberdade.

O «egregio» Tribunal de Justiça do Estado pôde enfim respirar, satisfeito: a pena foi cumprida e, portanto, desagravado está o «crime» de que foi vítima o innocente bacharel Otavio Moreira Guimarães.

Joubert foi solto no dia 11 á 1 hora da tarde.

«Tivemos com elle. Conversámos. Evamos transmitir ao leitores, rapidamente, o que elle nos contou da sua permanencia na prisão:

— No dia seguinte ao da minha prisão em Sorocaba, cheguei aqui e fui recolhido aos subterraneos da Central, é incommunicavel, como sabem. Ai estive 18 dias, sem poder deitar-me. E não podia deitar-me pelo seguinte: durante os 18 dias, pela manhã e pela tarde, despejam agua com creolina no assoalho, humedecendo o, impedindo-me, pois, de estender-me para dormir. Cochilava, de pé, encostado á parede. E o resultado disso não é difficil de imaginar: adoecei, atacado de artritismo. Apoz essa curta de 18 dias, fui transferido para a Penitenciaria, onde estive até hoje. Encerraram-me nesse cubiculo estreitissimo, em que mal cabia a cama. Esse cubiculo é o peor da Penitenciaria: é o ultimo do corredor, junto á solitaria, humido e escuro. Ai passei até hoje, sem falar, sem ler e tambem sem dar as duas passadas que a cellula permitia, porque essas passadas faziam barulho, segundo os motivos que me expuzeram ao proibirem mas. E mais ainda: não queriam permitir que eu escarrasse. Tive então de recorrer ao medico, o qual, vendo-me doente, atacado da garganta, fez cessar tal proibição.

E ai está, singelamente reproduzido, o que nos contou o camarada Joubert do seu passadio nas hospedarias do governo.

Cabe observar agora, que essas infamias praticadas com a pessoa de Joseph Joubert nem ao menos são legais. Elle era um condenado ao regime celular, que tem um regulamento; este regulamento permite aos presos trabalho e recreio fóra da cellula. Mas Joubert, para os torquemadas da policia paulista, é um homem perigoso, diferente dos outros, para o qual, portanto, as curtas regalias da lei nada valem.

Aliás, são sempre assim, os tais cães, mantenedores-das leis e executores da justiça: a lei é muito bonita escrita no papel; na pratica a coisa é outra — só valem a vontade e o capricho dos potentados.

O sacripanta bacharel Otavio é que deve estar satisfeito. Mas engana se, o bacharel Otavio: Joubert é o mesmo homem, como o mesmo sacripanta continua sendo a insignificante pessoinha de Otavio Moreira Guimarães.

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

Le due tendenze Libertà o schiavitù?

Le condizioni attuali della società non possono durare in perpetuo.

Su questo convergono tutti — almeno tutti quelli che pensano. Quando si crede che le sofferenze sono un castigo o una prova imposta da Dio e che in un altro mondo, dopo morti, si sarà pagati ad usura di tutti i mali sopportati quaggiù, la cosa può andare.

Ma questa fede, che non è poi mai stata molto efficace poiché non ha mai impedito che la gente curasse, e anche troppo i suoi interessi terreni, è diminuita di molto ed è in via di spegnersi. I preti stessi, per tentare di salvare la religione e salvare sé stessi con essa sono costretti a darsi l'aria di voler risolvere la questione sociale e lenire i mali dei lavoratori.

Dal momento che i lavoratori comprendono la loro situazione nella società — e fortunatamente ce ne sono già molti che la comprendono — è impossibile ch'essi consentano per sempre a lavorare e morire di fame, a produrre durante tutta la vita per conto dei padroni e non avere innanzi a sé che lo squallore di una vecchiaia senza asilo e senza pane assicurati. E' impossibile che, essendo i produttori di una ricchezza sempre crescente non vogliono infine averne una parte sufficiente per soddisfare almeno, i loro bisogni primordiali. E' impossibile che, meglio istruiti, affinati dal contatto della civiltà anche se fatta per altri, avendo già sperimentato la forza che possono dar loro l'unione e l'ardire, essi non pretendano un giorno o l'altro almeno quel minimo di benessere e di sicurezza, al di sotto del quale non vi è vita umana possibile.

In altri tempi, e non molto lontani, quando ancora fioriva l'artigianato e i capitali non erano tanto accentrati e le intraprese non tanto colossali, i proletari più intelligenti e più energici avevano la speranza di arrivare ad ammucciare un capitale e diventare piccoli proprietari, piccoli padroni, e questa speranza assorbiva le loro energie e faceva loro sopprimere le miserie presenti. V'era ancora per molti paesi il ricorso all'emigrazione e la speranza di fare «l'America» (quella di «fare Tripoli» è roba da... «De Felice»), ma anche questa risorsa dei disperati se ne va svanendo. Oggi chi è proletario sa, o va apprendendo, che, come regola, è condannato a restar proletario per tutta la vita, salvo che non vi sia un cambiamento generale nell'ordinamento sociale. E perciò domanda questo cambiamento, e si unisce agli altri proletari per acquistare la forza necessaria ad imporlo.

I borghesi, ed i governanti che li rappresentano e li difendono, lo sanno e veggono la necessità, per evitare di essere sommersi in un terribile cataclisma sociale, di provvedere in qualche modo.

Le masse si agitano, si organizzano, acquistano coscienza della loro forza. Le prigioni ed i massacri non possono essere un rimedio permanente: bisogna gettare un'offesa al cane rabbioso se non si vuol essere dilaniati.

D'altra parte i borghesi intelligenti incominciano a comprendere che il lavoratore ben nutrito e contento produce di più, che lo schiavo ben trattato è più facile a maneggiare, che fare il padrone in mezzo a servi allegri, soddisfatti ed affezionati è più piacevole, e più sicuro, che stare tra gente che soffre, maledice, odia e rumina vendetta. Essi comprendono che è necessario istruire i lavoratori perché sieno produttori efficaci, e l'istruzione è germe di ribellione.

I progressi delle scienze mediche mostrano, meglio che non lo abbiano fatto le scienze economiche, che ciascuno è interessato alle buone condizioni degli altri. Quando si pensa che uno zio del re di Inghilterra, giovane pieno di salute, ebbe la vita troncata dal tifo perché, come assottò l'inchiesta, un suo pantalone ordinato ad un grande padrone sarto era stato effettivamente fatto da un operaio miserabile, in una fetida stanzuccia dove egli lavorava e viveva colla famiglia fra cui v'era in quel momento un figliuolo ammalato di tifo! Come garantirsi dalle malattie infettive se anche essendo ricchi, si è sempre a contatto di gente povera,

a cui è impossibile rispettare i più essenziali precetti dell'igiene?

Dunque tutto tende a cambiare le attuali condizioni sociali nel senso di maggiore benessere e maggiore giustizia per tutti. Le classi dominanti vi sono esse stesse interessate.

Certo, lasciata sotto la direzione della borghesia, l'evoluzione sociale sarebbe lentissima per la tendenza in chi comanda a non voler novità, per i mezzi di cui essa classe dispone per attrarre, costringere, corrompere ed assorbire molti tra gli elementi più intelligenti ed operosi che sorgono in mezzo ai proletari; e perché, fatto dai borghesi e nell'interesse della dominazione borghese, ogni miglioramento riesce d'ostacolo a miglioramenti ulteriori. Se le masse proletarie, animate e spinte dai rivoluzionari, non vi mettono rimedio, molte generazioni passeranno prima che si verifichi un sensibile miglioramento generale, prima che spariscano per tutti la fame che strazia, la miseria che abbruttisce, la disperazione che spinge al delitto.

Ma, prima o dopo, a sbalzi o gradualmente, le condizioni sociali debbono cambiare, perché è impossibile che i lavoratori le sopportino per sempre e perché è nell'interesse di tutti che esse cambino.

Ma quale sarà questo cambiamento e fino a che punto andrà?

La società attuale è divisa in proprietari e proletari. Essa può cambiare abolendo la condizione di proletario e facendo tutti comproprietari, o può cambiare conservando questa distinzione fondamentale, ma assicurando ai proletari un trattamento migliore.

Nel primo caso gli uomini diventerebbero liberi e socialmente uguali, ed organizzerebbero la vita sociale conformemente ai desideri di ciascuno; e tutte le potenzialità della natura umana potrebbero svilupparsi in lussureggiante varietà. Nello altro caso, i proletari, bestie utili e ben pasciute, si adagerebbero nella posizione di schiavi contenti di benigni padroni.

Libertà o schiavitù; anarchia o stato servile.

Queste due soluzioni possibili danno luogo a due tendenze divergenti che sono rappresentate, nella loro manifestazione più conseguente, l'una dagli anarchici, l'altra dai cosiddetti socialisti riformisti. Con questa differenza, che mentre gli anarchici sanno e dicono quel che vogliono, cioè la distruzione dello Stato e la organizzazione libera della società sulla base della uguaglianza economica, i riformisti al contrario si trovano in contraddizione con loro stessi, perché si dicono socialisti ed invece la loro azione tende a sistemare e perpetuare umanizzando, il sistema capitalistico, e quindi nega il socialismo, che significa soprattutto abolizione della divisione degli uomini in proletari e proprietari.

Cómpito degli anarchici — e diremmo volentieri cómpito di tutti i veri socialisti — è quello di opporsi a questa tendenza verso lo stato servile, verso uno stato di schiavitù attenuata, che castrebberebbe l'umanità delle sue doti migliori, priverebbe la civiltà progrediente dei suoi fiori più belli — e serve intanto a mantenere lo stato di miseria e di degradazione in cui si trovano le masse, persuadendole ad aver pazienza ed a sperare nella provvidenza dello Stato e nella bontà ed intelligenza dei padroni.

Tutta la cosiddetta legislazione sociale, tutte le misure statali decretate o proposte per «proteggere» il lavoro ed assicurare ai lavoratori un minimo di benessere e di sicurezza, e così pure per tutti i mezzi adoperati da capitalisti intelligenti per legare l'operaio alla fabbrica con premi, pensioni ed altri beneficii, quando non sono una menzogna ed una trappola, sono un passo verso questo stato servile che minaccia l'emancipazione dei lavoratori ed il progresso dell'umanità.

Salario minimo stabilito per legge, limitazione legale della giornata di lavoro, arbitro obbligatorio, contratto collettivo di lavoro avente valore giuridico, personalità giuridica delle associazioni operaie, misure igieniche nelle fabbriche prescritte dal governo, assicurazioni statali per le malattie, la disoccupazione, le disgrazie sul lavoro, pensioni per la vecchiaia, compartecipazione agli utili, ecc. ecc. sono tutte misure per far sì che i proletari restino sempre proletari ed i proprietari sempre proprietari; tutte misure che dan-

no ai lavoratori (quando lo danno) un po' di benessere e di sicurezza, ma li privano di quel po' di libertà che hanno e tendono a perpetuare la divisione degli uomini in padroni e servi.

Certamente è bene, aspettando la rivoluzione — e serve anche a ridestarla più facile — che i lavoratori cerchino di guadagnare di più e di lavorare meno ore ed in migliori condizioni; è bene che i disoccupati non muoiano di fame, che i malati ed i vecchi non sieno abbandonati. Ma questo, ed altro, i lavoratori possono e debbono ottenerlo da loro stessi, con la lotta diretta contro i padroni, mediante le loro organizzazioni, coll'azione individuale e collettiva, sviluppato in ciascun individuo il sentimento di dignità personale e la coscienza dei suoi diritti.

I «doni» dello Stato, i «doni» dei padroni sono frutti avvelenati, che portano con loro i semi della schiavitù. Bisogna respingerli.

ERRICO MALATESTA

Per Augusto Masetti

In ogni paese d'Italia e in ogni paese del mondo dove vivono uomini che nutrono sentimenti di civiltà e di libertà, si sono più volte occupati e preoccupati del caso del nostro compagno Augusto Masetti, ma l'agitazione in suo favore non è stata ancora iniziata con intendimenti concordi, né con criteri obiettivi.

Appena avvenuto il fatto, e quando ancora nulla sapevamo della sua persona, lanciammo un appello agli uomini liberi e al proletariato affinché tutti si interessassero d'impedire la fustigazione. Ora dobbiamo lanciarlo perché non si consumi una infamia peggiore.

Il governo di Giolitti pensò invece di fronte all'avvenuto caso e alle condizioni penose che lo avevano determinato, di mettere tutto in tacere, di sottoporre alla più rigorosa e severa sorveglianza Augusto Masetti, rinchiuso prima nel manicomio di Reggio Emilia, e poi trasferito per «ragioni politiche», in quello di Montelupo Fiorentino.

Se fra i componenti la sua famiglia vi fossero state persone energiche, intelligenti e capaci di sostenere i diritti di difesa che devono essere rispettati per tutti, e quindi anche per Augusto Masetti, a quest'ora un perito di fiducia della famiglia e di Masetti stesso, sarebbe stato ammesso a visitarlo e a pronunciarsi sulle sue attuali condizioni di salute.

A noi, e un po' da ogni parte, sono pervenute notizie che abbiamo tutti diritto di appurare nella loro verità.

Si dice che il governo voglia far morire in un manicomio Augusto Masetti, per quanto questi abbia chiesto di essere visitato ed esaminato.

Il progetto non potrebbe essere più cinico, leroce ed ingiusto, e in questo caso è dovere di ogni cittadino, di ogni lavoratore, di chiedere che anche per Masetti vengano usate quelle misure e applicate quelle garanzie di difesa, che la società presente, per quanto ingiusta, non nega neppure ai più efferati delinquenti.

Non è il caso di fare della retorica, né d'inscenare agitazioni aventi dei secondi fini; si tratta di chiedere e volere che Augusto Masetti venga trattato alla stregua di qualunque altro cittadino.

Quindi quello che non ha potuto fare la di lui famiglia, è dovere di tutti noi di farlo, e in tale questione non vi devono essere divisioni di partito, di tendenza politica o di metodi di lotta.

Quanti non sono animati da bieco livore di parte; quanti non hanno l'animo da inquisitori, devono agitarsi affinché il governo, spronato dall'agitazione pubblica, non seguiti ad usare verso Augusto Masetti un procedimento eccezionale ed infame.

Si faccia su questo fatto luce completa e si lasci che un suo difensore di fiducia possa tutelare i suoi diritti così vilmente calpestati.

Basta coi metodi gesuitici e vili.

Dal «LIBERTARIO»

In nome della patria si esige la vita in difesa dei proprietari, a quelli che non hanno terra da calpestare.

Verso l'Anarchia

Oggi il progresso sociale ci conduce palesemente e vertiginosamente al comunismo anarchico, e dà un impulso enorme alla legge morale e materiale.

Una morale affatto nuova, va svolgendosi nei bassifondi sociali; morale tutta amore e giustizia, per cui milioni di diseredati, dandosi la mano al disopra delle frontiere si proclamano fratelli, reclamano tutta intera la parte dei beni che loro spetta al banchetto della vita, e imprecano contro qualsiasi forma di oppressione.

In nome della legge morale naturale, ormai è incominciata la lotta decisiva che deve irrevocabilmente por fine ad ogni legge positiva, ad ogni parvenza di tirannia di egoismo. Lotta accanita, tremenda, all'ultimo sangue, che ci prepara un'era nuova di pace e di giustizia.

Il giorno che il dispotismo, il privilegio, lo sfruttamento, la corruzione, la bassa invidia, la superstizione degradante, la ipocrisia, il bigottismo, da migliaia di anni accumulati da poteri civili e religiosi non avranno più ragione d'essere, spariranno; — la legge naturale adagiata in un ambiente proprio, tutto nuovo, vivificata dal raggio purissimo della vera giustizia, darà dei frutti che oggi l'umano pensiero è lungi dal prevedere.

«Create delle circostanze, dice Kropotkin, in cui l'uomo non sia tratto a mentire, ad inganare, a sfruttare gli altri, e il livello morale dell'umanità per la forza stessa delle cose, si eleverà ad una altezza sino ad ora sconosciuta.

«La morale passata allo stato di spontaneità!»

«Ecco la morale vera, la sola che resti sempre, mente le religioni ed i sistemi filosofici, passano».

Quel giorno, al reggimento dell'umanità stretta dal patto sublime della solidarietà e fratellanza universale, in luogo delle leggi positive — civili e religiose — basterà l'eterna legge morale naturale, la «morale anarchica».

IL CAPITALE

«Il primo uomo che cinse di siepe la terra e disse: QUESTO E' MIO, quegli distrusse la proprietà comune e creò la proprietà individuale, cioè il capitale».

Anticamente il capitale era il re assoluto, padrone della vita dei propri sudditi, era il feudatario, il principe, il barone, il clero.

Colla rivoluzione francese (1789) il governo — cioè il monopolio della libertà e della ricchezza — dal clero e dalla nobiltà essendo passato alla borghesia, il capitale d'allora in poi divenne la borghesia stessa.

Bancarottieri milionari, appaltatori, attivi industriali e commercianti, strozzini, ministri di Stato, presidenti di repubblica, renditisti parassiti, preti, re, papi, ecc., ecco il capitale, mostro orribile dalle cento teste, vivente sotto l'egida del governo suo consustanziale.

In ogni faccia del capitale, di questo vampiro, succhiante il sangue del misero lavoratore, stanno raffigurati: il furto, la avarizia, la menzogna, l'ipocrisia, la libidine, e chi più ne sa più ne aggiunga senza tema di esagerazione.

Noi l'abbiamo visto — il capitale — dopo la rivoluzione, ad accrescere poco a poco, giorno per giorno, di forza e di appetito.

Per farci un'idea della potenza a cui è salito in sì breve tempo, non abbiamo che da pensare alle migliaia di navi che ai suoi ordini solcano i mari, alla rete intricatissima delle ferrovie che copre il globo, ai magazzini, alle banche innumerevoli, rigurgitanti di merci e d'oro. Non abbiamo che da pensare ai milioni d'operai, che per avere da lui, che tutto possiede, un tozzo di pan bigio, sono obbligati a sudar sangue, nei porti di mare, negli opifici, nei campi, nelle miniere.

Senti lavoratore: E' lui che ha ridotto l'officina ad un vero reclusorio dove il lungo e pesante lavoro ti cagiona le vertigini, dove le multe ti decimano la paga giornaliera.

E' lui che colla crescente applicazione delle macchine sfrutta la forza fisica ed intellettuale dei bambini e delle donne; ingenera sovrabbondanza di produzione, e colla sovrabbondanza di produzione le crisi violente, il numero sempre crescente dei disoccupati.

E' lui che nelle grandi imprese — come sarebbe a dire: tagli di istmi, perforazioni di montagne, bonifiche di terreni costruzioni di ferrovie, di canali, etc. — attrae migliaia di infelici, intere famiglie; li sfrutta in pochi mesi, insacca centinaia di migliaia di lire e, ad opera compiuta, li abbandona spietatamente in regioni inospitali, deserte, mancanti di mezzi di rimpatrio, disperati.

E' lui che abusando del credito, si dà a speculazioni bancarie disastrose, ordisce a sangue freddo fallimenti dolosi, inghiottendo il risparmio da te fatto sul più stretto necessario, risparmio a lui confidato onde trovare scampo allo spauracchio — orribile per il povero — dell'opere; dove i giorni sono contati, dove si muore di crepacuore, lontano dai parenti e dagli amici.

E' lui che col monopolio, a suon di contanti, accaparra i prodotti del suolo sin dall'epoca della seminazione, della fioritura, e li fa rincarare rubando il soldo, il centesimo, al già insufficiente tuo desinare.

E' lui che quando sei ridotto alle ultime strettezze, ti si presenta con faccia compassionevole, e grida: «Eccomi in tuo aiuto, ti faccio credito!».

Credito! sta scritto sulle banche agricole, sui monti di pietà, nei negozi... E' il capitale, l'usura, in veste di carità, che, approfittando delle tue strettezze, viene a rubarti gli ultimi spiccioli con bel garbo, che trova modo di divorare il tuo la quindicina, prima ancora che tu l'abbia salario, guadagnata!

Le necessità sempre più crescenti, nell'ordine economico, che sentono le classi operaie, determinano necessariamente una corrente d'idee di ribellione e di vita, la necessità ineluttabile dell'espropriazione del mondo capitalista, per il decoro della specie umana, per l'elevazione economica e morale del proletariato universale.

SPIGOLANDO

NEL DORMIVEGLIA

Ho fatto un sogno, un bellissimo sogno. Vediamo di ricordarlo; chi sa che non ci si possano tirar fuori tre numeri buoni.

Ero, mi pare, in un Bar e precisamente nel «Bar Nazionale» in compagnia di un prete, di un signore della nobiltà e d'un poliziotto, che mi tenevano in mezzo facendomi mille moine.

«Poverino — mi dicevano — si lo sappiamo che sei anarchico, ma che importa? Non sei tu italiano, non discendi da qualche Marcio Porcio dell'antichità o da qualcuno di quei prodi che ci hanno dato l'indipendenza? Questo ci basta; vien qua, bevi con noi un bicchierino di questo liquore squisito e non t'allarmare se sulla etichetta c'è scritto «Elixir Patriottico». Ti piace? Giù un'altro sorsò, senza complimenti, tanto — sai? — non lo paghiamo mica noi!».

E io bevevo, bevevo bevevo... grosso e vedevo tutto roseo, anzi bianco, rosso e verde... e sbattevo le mani sbaciucchiato dal prete, dal signore e dal poliziotto, mentre fuori sulla strada passava, suonando l'inno di Mameli, una banda militare che precedeva un corteo di poveri giovanotti chi senza un braccio, chi senza una gamba o un occhio, laceri, sfiniti... «Chi sono?» domandai.

«Sono eroi» mi fu risposto.

«E quelle donne, quei vecchi, quei bambini che piangono?»

«Sono le famiglie degli eroi che inneggiano alla grandezza della patria!»

Infine mi parve che i miei tre bravi amici si consultassero a vicenda, e temetti che il mio contegno di ubriaco non persuadesse della sincerità della sua sbornia li avesse da offendere.

Macché! Mi vennero invece incontro stendendomi le mani e rassicurandomi: «Stai tranquillo; ormai le patrie galere non ti apriranno più le loro porte ospitali!»

Dite la verità: non ho fatto io un bel sogno?

PER FINIRE

Qualche giornale ha riportato da un foglio americano, e noi riproduciamo volentieri, questo dialogo sulle «relazione fra capitale e lavoro»:

— E' facile comprendere quali sono le relazioni fra capitale e lavoro (disse Flaherty al suo amico Casey). Supponi che io sia il capitale e tu il lavoro. Ora, per favore dammi la tua pipa.

Casey diede la pipa.
— Ed ora dammi il tuo tabacco.
Casey diede il tabacco.

— Ora dammi un fiammifero.
Quando Casey ebbe dato anche il fiammifero, e vide l'altro che si metteva placidamente a fumare, disse un po' irritato:

— E a me che cosa resta?
— Io sono il capitale e tu sei il lavoro, io fumo e tu puoi sputare, puoi stare a vedere, e devi procurare a me altro tabacco.

Ancora un pó di Libia

Si non fa male tenersi sempre al corrente e rinfrescare ogni tanto l'argomento, anche perchè laggiù (felice paese!) ci sono attualmente dai 40 ai 45 gradi di calore all'ombra.

Al Ministero delle Colonie si seguita a far danzare i generali preposti al comando delle truppe operanti in Cirenaica. Teri Ragni, oggi Tassoni, domani Vinai... Non si sa ancora precisamente a quale, fra i tanti eroici condottieri gallonati, affidare l'incarico di debellare definitivamente (campa cavallo mio!) quei soliti, quattro eterni ribelli dei Senussi.

Intanto è bene che sappiate, o madri d'Italia, che laggiù fra una «ritirata» e l'altra, «quaranta bersaglieri» sono stati fucilati dai loro fratelli, perchè — vigliacchi! — non han voluto concorrere colla loro pellaccia a far ottenere una medaglia o un avanzamento per merito di guerra ai «gros bonnets!»

Ma questo non risulta da nessun giornale! Bella scoperta! Primo di tutto vi garantisco che il fatto è verissimo; e poi basterebbe per confermarlo la rigorosa catena di silenzio con cui furo no legati e il bavaglio imposto dalle autorità a quei due soldati reduci da Ettangi e sbarcati giorni fa a Napoli!

A' Revolução!

Não sonheis, trabalhadores, com a vossa emancipação se ainda agradam os vossos ouvidos as palavras enganosas de uma paz impossível entre explorados e exploradores, entre famintos miseráveis e opulentos proprietários do bem comum; não sonheis, não, com o dia da vossa felicidade se ainda sois bastante ingenuos para esperar do tempo e da magnanimidade burguesa uma solução pacífica que nos devolva o que continuamente nos é roubado, riqueza, liberdade e sciencia. Todas as compensações entre nós, os deserdados, e eles, os exploradores, baseam-se necessariamente na nossa submissão, na nossa escravidão voluntária, no reconhecimento tácito dos seus privilégios. O tempo nada faz se lhe falta o concurso dos homens. A magnanimidade burguesa é impossível obterla, porque ninguém é bastante liberal para renunciar ás suas posses. Sonhais cousas impossíveis se sonhais com esta utopia. Sonhais e acreditais que o cordeiro e o lobo podem entender-se, que um póde abandonar a sua presa voluntariamente e que o outro póde julgar-se seguro ao seu lado? Sois suicidas se nisso acreditais.

Eu canto-vos uma revolução que nos emancipe, porque todo o progresso, toda a renovação da ordem social, por que todas as transformações se verificaram sempre pela revolução.

Se não basta a razão filosofica para demonstrar-lo, se não basta a realidade absoluta que a corrobora, a historia patente-o irrefutavelmente; a historia, confeccionada por esses mesmos que nos exploram, a historia na qual só tomaram uma parte activa os emancipados, hoje, é a que vem impôr a necessidade suprema dessa revolução.

R. M.

REFLEXÕES

A Revolução é o imprevisito; quem sabe si dentro de um mez, dentro de oito dias, amanhã mesmo não surjirá? E desgraçados daqueles a quem ella colher desarmados!

Quando a massa estiver educada e for consciente, fará, não a revolução social, que terá sido feita antes, mas a revolução filosofica, que a conduzirá á anarchia pura, supremo ideal da humanidade livre.

Porém, daqui até lá, ter-se-ha dado o grande empurrão comunista, que transformará o velho mundo e que, coforme os meios, os climas, as localidades, revestirá mil formas distintas: aqui comunismo libertario, comunismo de Estado ali, comunismo atenuado, república progressista, coletivismo anarchista em outra parte.

Não somos donos dos acontecimentos, que dependem de milhares de factores; porém podemos pensar em nos aproveitar deles, em atenuar-los, em engrassar-los, em modificar-los ou desviar-los.

Seja como for, o dever dos verdadeiros revolucionarios é aceitar a luta nas condições em que se apresente o agir do melhor modo que o permitam as circunstancias.

Si uma ditadura se proclama, si uma restauração se produz, que devemos fazer?

Levantar imediatamente o povo, não para conservar a atual república burguesa, mas sim para proclamar a república social, baseada na autonomia e na federação das comunas e na imediata socialização das forças productivas, terras, minas e máquinas.

Venceremos porque esta revolução, que responde ás mais imperiosas necessidades, a de viver e a de ser livres, conta com soldados em todos os países do mundo.

Venceremos, sem ou apezar dos generais improvisados, máus arremedés de Marceau, porque as descobertas científicas transformarão a arte militar até que chegue a hora de destrui-la: um grupo com uma provisão de melinite vale tanto como um regimento, um quimico vale por dez generais.

Venceremos porque, degenerada, acobardada, a burguesia é tão incapaz de resistir á avalanche dos deserdados, como os romanos da decadencia o foram de opôr-se á invasão dos barbaros.

C. MALATO

COMPANHEIROS

Com o mais profundo sentimento de gratidão, venho agradecer o acto de abnegação e de solidariedade que para comigo se manifestaram e com seus mecos maternas e moraes me arrancaram das garras aduncas da MÃO NEGRA LEGAL.

Depois de alguns dias de tratamento de minha saúde, voltarei somar a minha energia com a dos companheiros em prol da grande causa da emancipação humana

J. JUBERT

«Podemos dizer a verdade a nós proprios? Se podemos dizer-no-la eu me permito afirmar que a unica forma heroica da sciencia e da vida moderna é o anarchismo; que do anarchismo derivam os livros mais geniaes e os homens de maior valor; que o anarchismo se contém, em gestação, e talvez nele se amadureça a «gente nova», dominadora da vida social. Esse anarchismo tem os seus filosofos, os seus poetas, os seus jornalistas, os seus criticos e os seus heroes. E' uma completa onda fresca de idéas e fantasmas; e na obra desses homens que valem certamente mais e melhor que os chineses do socialismo e os bisantinos do conservatorismo, em tudo quanto eles pensam e escrevem ha uma tal força socratica de raciocínio e uma originalidade de inspiração tão viva que com frequencia maravilha e mais amedeu comove...»

O anarchismo não é uma causa, é uma consequencia; não é uma proposição, mas sim uma ilação; não é a expressão da loucura politica, mas sim a afirmação duma condição de cousas que está destinada á transformação.

Com uma sociedade como a nossa, isto é, com uma sociedade corroida em toda a sua estrutura, totalmente afetada nos seus humores duma discracia já invencível, o anarchismo, quer dizer, o «espírito que nega», é uma necessidade logica, inevitavel.

O anarchismo é, actualmente, para a nossa sociedade, o que foi a filosofia de Rousseau no seculo passado.

Naquele mundo apertado de privile-

gios, de prejuizos e crueldade, precipitou-se Rousseau como se precipita um salvador numa casa em que se encontra, a ponto de asfixiar-se, uma pessoa amada, e abriu todas as janelas e em sinou que, mais alem daquelas leis, daquelles preceitos cortezãos, que mais alem daquela medida de vaidade e de etiqueta, havia campos livres e ceus infinitos, a gloria da vida universal e as esperanças do immortal porvir.

O anarchismo, contra o predomínio vil das maiorias eleitorais e parlamentares, contém a afirmação da consciencia individual contra a inercia moral das classes chamadas dominadoras contém a afirmação das «vontades» renovadoras; contra a incoerencia do pensamento e da acção, a afirmação logica duma e outras.

MOVIMENTO ANARQUISTA

NO RIO

Com a mesma atividade com que começou, continua o Centro de Estudos sociais a sua obra de propaganda.

Assim é que já está sendo distribuido o segundo folheto anunciado: «A luta contra a tuberculose do ponto de vista social», cujo autor é o conhecido homem de letras e nosso camarada dr. Fabio Luz. Por todo o mez de setembro sairá o terceiro: «Anarquia» (sua definição etimologica) por André Girard.

Definitivamente instalado á rua do Senado 215, o Centro de Estudos Sociais realiza as suas sessões semanais ás sextas-feiras. Nessas reuniões semanais, que são francas a todas as pessoas, além das discussões sobre interesses da propaganda, ha sempre uma palestra doutrinaria feita por um dos socios.

Na secretaria do Centro, que está aberta todas as noites, ha jornais libertarios de todo o mundo e livros para leitura.

Correspondencia libertaria

Rib. Preto — A. Saluatori. — Recebi a sua carta, registrei os novos assinantes. Espero com impaciencia o que prometeste para breve.

S. Paulo — E. del Col — Recebi o teu cartão; modifiquei o endereço; quanto ao resto pode ser a noite á rua Boa Vista 18, em que sempre nos encontramos.

Cordeiros — J. Prado — Recebi a tua. Recebes o jornal desde o n. 2, portanto são 19 ns. ou 5 mezes.

Piratininga — J. Braga — Recebi a tua e os 25\$000, modifiquei o nome. A circular foi enviada a todos sem excepção, portanto não o tenhas a mal.

S. Paulo — José Pinto — Recebi os 10\$000, comprei os livros menos a matematica, que não a poude encontrar por ter se esgotado. Registrei o saldo em beneficio do jornal.

Barretos — Recebi carta; segue a lista. Itajuby — F. Giova — Como já expliquei, não ha em italiano os livros que pedes; se queres, enviarei outros escritos em italiano. Escreva.

Rio — S. Nesi — Por estes dias seguem os folhetos; não segniram antes por não os termos presentes.

Conquista — A. Botta — Recebi a carta. Mande o que entendas dever: o que consta é um ano.

Rio — A. Muller — Pódes enviar diretamente a caixa.

Poços de Caldas — André Fortunato — Eu já estou cansado de ir ter com a gente da famosa «ratoeira» dos F. Miranda & C. Por estes dias envio te os recibos. Não é por má vontade, mas por não ter tempo á noite e eles não abrem o «negocio» durante o dia. Eles não estão na rua S. Edigenia mas sim na rua Paranaipacaba.

NO RIO

Todos os camaradas e assinantes do Rio de Janeiro que tenham que pagar a sua assinatura, podem dirigir-se á Rua General Camara 335, que encontrarão o nosso companheiro José Ramos.

O mesmo camarada está encarregado de fazer a cobrança nessa capital e aos poucos visitará todos os amigos que recebem esta folha.

EM RIB. PRETO

Na Rua Amador Bueno, Livraria Selles, encontra-se á venda o excelente livro de E. Reclus: «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista» ao preço de 1\$500, em beneficio deste jornal.

EM SANTOS

O nosso jornal encontra-se á venda com todos os vendedores e na Agencia Magalhães.

DIFFONDETE

La Barricata

PRO JUBERT

Somma anterior 591\$800

BRAGANÇA

Familha Romagnoli 10\$000
N. N 2\$000
Francisco Fontana 2\$000

S. PAULO (Lista Luigi Moro)

Alexandre Bensi, 5\$000 — Amelio Rodrigues, 2\$000 — Arnaldo Cauerni, 2\$000 — Pascual Falbo, 2\$000 — Amilcare Giovannardi, 5\$000 — L. M., 5\$000.

Total 21\$000

Recebido da Lanterna 58\$000

S. PAULO (Lista D'Angelo)

F. D'Angelo 2\$000 — A. Della Torre, 1\$000 — A. D'Angelo, 1\$000 — A. Manso, 5\$00 — P. Faustino, 1\$000 — A. Gazzolli, 1\$000.

Total 6\$000

Total Geral 690\$800

O dinheiro que até agora recebemos, foi assim distribuido:

Pagamento da multa e custas do processo 490\$000
Sussidio dad. á companheira de Jubert 50\$000
Entregues a Jubert 100\$000
Selos e correspondencia 5\$200
Varias miudezas 11\$000

Total 656\$200

Saldo 34\$600

Pro GERMINAL! e BARRICATA

ENTRADAS

S. PAULO — A. Mansano, 1\$300
Camille, 1\$000 — Ferraro, \$200
— Vitorino C., 5\$000 — José Pinto, 6\$400 — G. Berti, 10\$000
— Felipe d'Angelo, 3\$000 — L. Levyt, 10\$000.

Total 36\$900

Bilhetes da festa, P. e C. 10\$500
Tipos velhos 22\$200
Livros e folhetos 8\$800
Venda avulsa 24\$100

JAU' — Scarameza, 5\$000

CERQUILHO — F. Nobile, 1\$800

PIRATININGA — Guglielmo Braga, 20\$000

CAMPOS NOVOS — Emilio Chinnelli, 20\$000

TABOLEIRO GRANDE (Minas) — Avelino Foscolo, 40\$000

BARBACENA — G. Viggiani, 6\$

SOROCABA — E. Gori, 5\$000

Jesus Fernandes, 10\$000

EST. CAMPO LARGO — Gaetano Marsilli, 10\$000

ATIBAIA — Manoel Romero, 10\$

PONTA DO CAJU' — F. Lozano, 5\$000.

Total 152\$800

CAMPINAS (Lista Pelloia) — G. Pelloia, 5\$000 — P. Tonelli, 1\$

E. Munturi, 5\$00 — D. Gavia, 5\$00 — E. Garcia, 5\$00 — A. T. Pinho, 1\$000 — A. Santana

1\$000 — A. Cerri, 1\$000 — M. Giustafin, 1\$000 — Roberto

Pelegrino (assinatura) 5\$000.

Total 17\$000

RIO GR. DO SUL — A. Carreta

4\$000 — Guarliolo, 2\$000 — Piolo, 5\$00 — Pozza, 1\$000 — A. Campanha, 1\$000 — Gasparelo, 2\$000 — P. Dio, 2\$000

P. Madona, 2\$000 — L. Perone, 1\$200.

Total 16\$100

SANTOS — Varios 38\$000

COBRANÇA em Jundiá durante conferencia 48\$000

COBRANÇA no interior 150\$000

BATATAES — Umberto Bagnatti, 10\$000

Total Geral 532\$300

SAIDAS

DEFICIT anterior 734\$800

Impressão dos N.os 18-19 110\$000

Composição dos N.os 18-19 142\$800

2 dias de typografia para por em ordem a typografia 12\$000

2 formas e mão de obra 10\$000

Carretos para as paginas 21\$000

Aluguel da sede 54\$000

Selos para expedição e corresp. 46\$000

5000 avulsos 13\$000

4 kilos de entrelinhas 8\$000

Viagem em cobrança 15\$000

Redação e administração 250\$000

Barbante 2\$000

Total 1:416\$600

RESUMO

Entradas 535\$300

Saidas 1:416\$600

Deficit 881\$300

ESCOLA LIVRE

PARA MENINOS E MENINAS

Rua Cotejipe, 26

— S. PAULO — Belenzinho —

Instituto de educação e instrução segundo o metodo racionalista, mantido pela associação «Escola Moderna» d S. Paulo.

As suas aulas tanto diurnas como noturnas já estão funcionando com regular numero de alunos e a inscrição para a matricula se acha aberta, mediante a contribuição mensal de 3\$000 para as aulas diurnas e 4\$000 para as noturnas.

O «fornecimento de livros e materias» é feito aos alunos da escola gratuita-mente, a fim de favorecer aos operarios na obra de educação e instrução de seus filhos segundo o método racionalista

HORARIO DAS AULAS:
De dia — das 11 ás 3 1/2 da tarde.
De noite — das 7 ás 9 horas.

O programa com que iniciou seus trabalhos consta de leitura, caligrafia, português, aritmetica, geografia, historia do Brasil, noções de historia e principios de sciencias.

Mais tarde, porém, conforme está determinado, o programa será ampliado convenientemente, de acordo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista fór merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

Directo:—prof. JOÃO PENTEADO

Biblioteca do «Germinal!»

Pequena Biblioteca do GERMINAL.

Evolução e Revolução

— DE —

ELIZEU RECLUS

Obra de critica e doutrina anarchista, com 150 paginas, nitidamente impressa em ottimo papel e cuidadosamente traduzida pelo camarada Neno Vasco. Em venda para beneficio do jornal nesta administração, ao preço de 1\$500 cada exemplar.

Obras de educação racional

1. — «Como se deve educar o espirito,» Dr. Toulouse. (2.ª edição).
 2. — «Iniciação astronomica», de Flammarion illustrado com 156 gravuras.
 3. — «Iniciação quimica» de Darsens illus. com 33 gravuras.
 4. — «Iniciação matematica» de Laisant illustr. com 103 gravuras.
 5. — «Iniciação zoologica» de Brucker illus. com 165 gravuras.
- Catalogo de livros em espanhol, muito instructivos em edições economicas. Cada volume brochado 1\$800
Cada volume encadernado 2\$200
Pelo correio mais 200 réis por volume.
- A. Hamon. — Determinismo y responsabilidad.
 » Psicologia del socialista anarquista.
 » Socialismo y anarquismo.
 » El mal del Siglo XX.
- Bakounin. — Dios y el Estado.
 » Federalismo Socialismo y Autiteologismo.
- Büchner. — Fuerza y Materia.
 » Luz y vida.
- Darwin. — El origen del Hombre.
 » El origen de las especies, 3 vols.
 » La expresión de las emociones en el hombre y em los animales 2 vols.
- Engels. — Origen de la familia, de la propiedad privada y del Estado, 2 vols.
- Fabbri Luigi. — Sindicalismo y anarquismo.
- Faure. — El dolor universal.
- Flaubert. — Por los campos y las playas.
- Leone. — El Sindicalismo.
- Maximo Gorki. — Los ex-hombres.
 » En la prison.
 » Los Bárbaros (drama).
 » Los hijos del Sol (drama).
 » En America.
 » Entrevistas.
 » Albergue de noche (drama).
 » Escritos filosoficos y sociales.
- Grave. — La sociedad futura, 2 vols.
 » El individuo y la sociedad.
 » La sociedad muribunda y la Anarquia.
- Heine. — Los dios en el destierro.
 » Confesiones y Memorias.
- Haekel. — Las maravillas de la vida, 2 vols.
 » Los enigmas del Universo.
- Kropotkine. — La conquista del Pan.